



SANTIAGO, um dos leitores de Derrida

Eneida Maria de Souza¹

A recepção da obra de Jacques Derrida no Brasil, referente ao período da primeira tradução brasileira de *A escritura e a diferença*, editada pela Perspectiva em 1971, tem sido até hoje de muito proveito para o avanço dos estudos de ciências humanas, entre elas as de crítica literária e cultural, de literatura comparada, crítica psicanalítica e demais disciplinas da área. Embora a iniciativa de tradução do livro tenha sido de uma editora paulista, é nas universidades do Rio de Janeiro que se processa uma das primeiras divulgações do pensamento de Derrida entre nós, principalmente no interior do curso de pós-graduação em Letras da PUC-Rio. O nível avançado atingido por esse programa possibilitou a abertura teórica para a crítica estruturalista, para novas abordagens do texto literário e para a redefinição de procedimentos analíticos relativos à leitura desconstrutora e formalista. Nesse empenho, a prática estilística e o método parafrástico de interpretação de texto são substituídos por uma abordagem mais rigorosa, pautada pelas noções de ruptura, criação e recorte epistêmico.

A produção de saberes, entendida como resultado do rompimento da relação naturalista e horizontal com a realidade empírica; a redefinição da linguagem como representação, por se caracterizar pelo estatuto simbólico e por obedecer a regras convencionais; a elaboração de conceitos como produto do distanciamento com o real são as lições mais relevantes da teoria estruturalista nas ciências

¹ Eneida Maria de Souza é Professora titular em Teoria da Literatura e professora Emérita da UFMG.

humanas. A formalização dos dados empíricos e a preocupação com o fazer literário e discursivo constituem as maiores transformações operadas por essa leitura. Aqueles que acreditam ainda que a crítica literária consiste apenas na atividade apaixonada, nutrindo o culto da proximidade com o objeto como condição de conhecimento, se incluem na vertente analítica duramente criticada pela leitura estruturalista: a descrição, a paráfrase e a ênfase no valor conteudístico e temático da obra. Discussões teóricas voltadas para o estatuto do sujeito, do não-lugar do inconsciente, da arbitrariedade do signo, do apagamento da noção de origem, da ruptura que a linguagem opera no real, do discurso da alteridade, fizeram e ainda fazem a cabeça dos filhos legítimos do estruturalismo, – ou do pós-estruturalismo – dos órfãos ou dos bastardos de um movimento considerado por muitos como reflexo de modismos.

Ao lado de Lévi-Strauss, Michel Foucault, Roland Barthes, Julia Kristeva, Gilles Deleuze, entre outros teóricos franceses, o filósofo participa do momento estruturalista – embora seja considerado pós-estruturalista – que se iniciava no Brasil, por meio dos conceitos de descentramento e de desconstrução da filosofia ocidental. Lévi-Strauss, com a crítica ao etnocentrismo, discutia a dicotomia natureza/cultura, civilizado/primitivo, contra a leitura positivista até então realizada; Michel Foucault, com *As palavras e as coisas*, alertava para o descentramento da episteme ocidental, abrindo o volume com a análise do conto de J.L. Borges sobre a “Enciclopédia chinesa”, reveladora de uma original ordenação que negava os parâmetros ocidentais e instaurava distinta e estranha classificação que fugia dos parâmetros ocidentais de cultura. O que se constataava era a retomada de princípios modernos, iniciados desde a revolução operada pela literatura, com Rimbaud e seus contemporâneos, e pela psicanálise freudiana, princípios estes centrados na descoberta do outro, seja ele o oriental, o indígena ou o louco. O estruturalismo nutre-se dessas descobertas, dando prosseguimento à aventura do conhecimento científico, pela desvinculação com os saberes sedimentados pelo pensamento europeu. O movimento não se restringiu à análise formal dos textos, mas foi além: representou uma tomada de posição crítica que abrangeu a desconfiança das ciências humanas diante de seu objeto de análise, assim como a descoberta de novos parâmetros de leitura, como foi o caso da desconstrução, embora Derrida tenha se empenhado em discutir as possíveis limitações dessa abordagem.

É interessante assinalar que no momento de recepção das teorias desses autores – lidos ao mesmo tempo e de forma também tardia – não se cogitava se

alguns dentre eles se sentiam já integrados à vertente pós-estruturalista, como hoje é mais evidente para todos nós, pela distinta atuação de Derrida, Deleuze e Foucault. Estes pertenciam, de forma indistinta, à corrente que chegava com toda força no meio universitário brasileiro. Derrida, em *A escritura e a diferença*,² desmontava o conceito de estrutura como fechamento e imobilidade, ao pregar a estruturalidade da estrutura, o jogo, o movimento, a história e o paradoxo. Com essa posição, discordava do conceito de estrutura fechada, invertendo premissas estruturalistas ortodoxas, além de discutir conceitos lévi-straussianos. Apegava-se mais às falhas, aos maus funcionamentos, às rasuras do que às regularidades ou às suas invariantes, como assim se expressa François Dosse, autor de *História do estruturalismo*.³: “A estrutura reduz-se assim ao jogo incessante das diferenças, e o pensamento entra na vertigem abissal de uma escritura que rompe os diques, derruba as fronteiras disciplinares, para chegar à criação pura, a do escritor; ela se realiza principalmente na figura do poeta.”.

A orientação para que se ampliassem as fronteiras entre literatura e filosofia permitiu ainda que Derrida e seus contemporâneos, como Deleuze e Foucault, tivessem uma recepção mais calorosa no âmbito das Faculdades de Letras, o que não aconteceu, principalmente, nas de Filosofia. Valendo-se ainda dos novos modelos criados pela psicanálise, a linguística e a etnologia, Derrida desconstrói os próprios modelos filosóficos, pela releitura das margens, pela desconfiança em relação ao senso comum, responsável pelo predomínio das ideias pré-concebidas e estereotipadas. Inaugura-se a estratégia desconstrutiva, em que se articula, simultaneamente, nova abordagem e nova escrita filosófica, ruptura com o saber acadêmico e retomada subversiva dos parâmetros constituintes desses saberes. A preocupação com a linguagem, a textualidade, a escrita, os protocolos de enunciação, a questão da origem, colocou o filósofo ao lado da crítica literária estruturalista, embora estivesse, paradoxalmente, a ela se vinculando e se afastando.

² DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Tradução de Maria Beatriz M. Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1972.

³ DOSSE, François. *História do estruturalismo*. 2. O canto do cisne, de 1967 a nossos dias. Campinas: Editora Unicamp, 1994.p. 38.

A crítica literária da época, praticada pelos semiólogos franceses, rompia com as noções de autoria, de contexto, fixando-se muito mais na análise minuciosa e detalhada do texto, embora estivessem ampliando a noção de texto, por não mais o circunscreverem ao literário. Exemplos dessa prática se encontram na primeira fase de Roland Barthes, marcada principalmente pelo artigo “A análise estrutural da narrativa”, ou nos ensaios de Claude Bremond, Gerard Genette, J. Greimas, Roman Jakobson, este representante do formalismo russo, corrente precursora dos princípios teóricos defendidos mais tarde pelo estruturalismo. A posição de Derrida nesse momento escapa dos critérios cientificistas que pautaram o alto estruturalismo, com seu raciocínio binário, opondo significante e significado, natureza e cultura, sensível/inteligível, ao optar pelo raciocínio paradoxal, como assim se manifesta em outro ensaio bastante discutido na época, *A farmácia de Platão* (1972),⁴ traduzido no Brasil apenas na década de 1980. Questiona ainda os princípios fonológicos e logocêntricos da obra de Saussure e de L. Strauss, por ambos privilegiarem a fala em detrimento da letra, por ignorar a existência da escrita anterior à fala. Iniciava-se o diálogo mais do que rentável e produtor com a crítica literária, posição esta muito bem assumida por alguns dos intelectuais dos trópicos. (É preciso demarcar muito bem este território relativo aos leitores brasileiros da crítica francesa e dos filósofos que os influenciaram).

36

Procurarei apontar, neste ensaio, alguns itens relevantes para o entendimento da recepção brasileira de Derrida no âmbito da crítica literária e da literatura comparada, ao lado da crítica cultural, notadamente a partir dos anos de 1970. Poucos anos antes da retomada da crítica comparada no Brasil, com o início dos cursos de pós-graduação na disciplina em algumas universidades brasileiras, como a UFMG, a UFRGS, UFF, UERJ, Silviano Santiago, recém-chegado de suas atividades acadêmicas nos Estados Unidos, subverte as antigas antinomias e hierarquias próprias do discurso colonizado e ocidental. Propõe, no ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano” (1972), a reflexão sobre a dependência cultural com base no pensamento crítico da filosofia francesa e no papel exercido por Borges, desconstrutor de origens e de modelos da literatura considerada universal. Conceitos como fonte e influência, original e cópia, localismo e universalismo, deixam de ser interpretados segundo critérios positivistas e se

⁴ DERRIDA, Jacques. La pharmacie de Platon. In: _____. *La dissémination*. Paris: Minuit, 1972.

inscrevem sob o signo da contradição e do paradoxo, desfazendo-se a rigidez das oposições. No caso da concepção do “entre-lugar”, não se trata de uma abstração filosófica “fora do lugar”, mas de uma posição que visa representar a cultura brasileira *entre outras*, retirando novos objetos teóricos das obras ensaísticas e ficcionais. A importância desse texto para a polêmica nacional em torno da dependência reside na relação estreita que o conceito mantém com as teorias modernistas, como a antropofagia oswaldiana e a “traição da memória” de Mário de Andrade, responsáveis pelo diálogo transcultural de modo a transformar o atraso e o subdesenvolvimento nacionais em resposta eufórica e positiva, pela assimilação, “sábia e poética”, de algumas conquistas modernas. Nesse sentido, a prática transcultural é vista através de um diálogo alegre, sem o peso do descompasso e do mal-estar, embora certo de que a relação aí existente não se resolve pela “dialética positiva”, sem conflitos e de natureza “ufanista”, como assim foram interpretados, por Schwarz, a “poesia pau-brasil” e o tropicalismo.⁵

Roberto Schwarz, em artigo de 1987 (“Nacional por subtração”), reacende a polêmica entre o seu pensamento teórico e o de Santiago e Haroldo de Campos – um dos teóricos que também se apropriaram dos conceitos de Derrida e do estruturalismo, este último presente no livro *Morfologia de Macunaíma*, de 1972, pautado pelo método formalista de Propp – ao se posicionar de forma distinta quanto às redefinições dos conceitos de nacionalidade e de dependência cultural. Os artigos escolhidos para confronto são o de Santiago, acima citado, e o de Campos, “Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira” (1983). Em ambos, a retomada da antropofagia como conceito operatório, por se revelar ainda eficaz no processo de desconstrução das culturas estrangeiras, coloca a literatura nacional em posição de igualdade na concorrência com a estrangeira, pela confiança no aspecto positivo e alegre da transculturação. Aproximam-se, também, pelo tratamento desconstrutor conferido às noções filosóficas de original, cópia e simulacro, invertendo-se o processo causal de interpretação do discurso histórico, herança cara à filosofia de Derrida: “Subitamente, pois, se coloca como ponto focal de discussão a questão da *origem* – problema por excelência nietzschiano e que nosso século, com os parênteses fenomenológicos existencialistas, mais as análises estruturalistas, tinham esquecido, relegando-o

⁵ SANTIAGO, Silvano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

para segundo plano, ou simplesmente traduzindo-o (erroneamente) por “começo”.⁶

Leituras desconstrutoras têm o mérito de deslocar saberes consolidados, de se entregar à prática do jogo ambivalente dos conceitos e de optar pelo excesso produzido pelo olhar suplementar do ficcionista ou do ensaísta. Essa leitura exercitada por Silviano ao longo de sua trajetória intelectual é, portanto, tributária da teoria da desconstrução de Derrida, que consiste no duplo gesto de denunciar, em determinado texto, tanto o que ele diz, assim como o que, sob o olhar do presente, foi dissimulado e recalcado. Transgredir é o gesto herdado por excelência, invenção, o esforço do leitor na criação do texto que desconfia das origens e acredita na repetição como sinal de diferença e resistência. Cabe ao leitor de cada época reinventar tradições, romper com a cômoda atitude do senso comum, reprodutora fiel do discurso alheio. (Um dos primeiros livros publicados no Brasil e dedicados à definição dos conceitos operacionais da teoria do filósofo – *Glossário de Derrida* – foi realizado por Silviano Santiago e um grupo de alunos, como parte das atividades no curso de pós-graduação na PUC/Rio, em 1976).⁷

Em sua análise de *Iracema*,⁸ publicada na mesma ocasião, irá se valer do artigo “A farmácia de Platão”, pela utilização do pensamento paradoxal que rege o sentido de *phármakon*, ou seja, referindo-se tanto aos sentidos de remédio e de veneno. Silviano questiona o discurso de fundação do romantismo brasileiro, apontando as possíveis leituras transgressoras do cânone literário, ao introduzir a interpretação da figura do autor no prefácio, lugar reservado ao pai do discurso e ao guardião da escrita. Emprega o conceito derridiano, via Platão, de parricídio, com vistas a ampliar o debate sobre dependência cultural, e como arma para que a literatura brasileira pudesse se desvincular da prisão aos modelos europeus e se constituísse de modo mais original. O estudo é também enriquecido pela minúcia

38

⁶ SANTIAGO, Silviano. Análise e interpretação. In: *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 204.

⁷ SANTIAGO, Silviano. (Supervisão). *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

⁸ ALENCAR, José de. *Iracema*. Romances para estudo. Notas e orientação didática por Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

com que define o simbolismo contido nas personagens, nos rituais indígenas, marcado pelo paradoxo e pelo jogo ambíguo criado na relação entre pai e filho, país de origem e o continente europeu, o índio e o português. A articulação entre a teoria derridiana e a construção de um pensamento da dependência latino-americana já se fazia notar no ensaio “Análise e interpretação”, publicado em 1978, mas já disseminado em salas de aula desde o princípio da década de 1970: “Descentrando, pois, a estrutura, deixando-se de pensar esta como ordenada por um “significado transcendental”, amplia-se indefinidamente o jogo de significação, na medida em que destituindo da condição de óptica estruturante os conceitos de princípio e de fim, passa o discurso *escrito* a se impor como estrutura solta, abandonada, desamparada, seja por parte do autor, como de qualquer outro elemento estranho à cadeia de significantes. (...) A partir do momento em que essas ideias foram concebidas, foi importante para Derrida a releitura crítica de *Fedro*, de Platão, texto no qual se enunciava a condição *assassina* da escritura. O “pai” do discurso se ausenta no momento em que escreve e sem a *presença* paterna o discurso escrito, como diz Sócrates a Lísia, “necessita sempre a ajuda de seu pai, uma vez que não é capaz de se defender e socorrer a si mesmo.”⁹

Essa posição se revelou produtiva para a revisão da historiografia brasileira iniciada com os teóricos brasileiros nos anos de 1950, como Antonio Candido e Afrânio Coutinho, posição esta assumida por Haroldo de Campos no artigo “Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira” (1983) e “O sequestro do barroco”, de data posterior. As expressões usadas por Haroldo nos artigos remetem, ainda que de forma invertida, para o pensamento de Derrida, como aqueles relativos à tradução: “desmemória parricida”, “rasura da origem”, “obliteração do original”, dentre outras.¹⁰ A utilização de metáforas orgânicas – árvore, galho, arbusto – para a explicação de nossa dependência cultural, por Antonio Candido, ao definir a produção literária latino-americana como galho secundário da portuguesa, que, por sua vez, é arbusto de segunda ordem no jardim

⁹ SANTIAGO, Silviano. Análise e interpretação. In: *Uma literatura nos trópicos*. Op., cit, p. 206-207.

¹⁰ CAMPOS, Haroldo de. *Deus e o diabo no Fausto de Goethe*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

das Musas, justifica a linha de pensamento do crítico, pautada pela definição de origens e fundações da literatura brasileira.¹¹

Essa afirmação obedece à razão crítica iluminista, defensora da ordem causalista e da dependência cronológica às influências, criando-se a necessidade de justificar, por meio de critérios naturalistas, o nosso vínculo placentário com as literaturas europeias. A discussão sobre a formação da cultura brasileira passaria, dessa forma, pela noção de origem, entendida sob a égide da verticalidade e da hierarquia, por reforçar as metáforas orgânicas de raiz, início e fonte. Dessa rede semântica construída pelos conceitos elaborados por Derrida e incorporados à interpretação de Silviano, concebe-se a existência da relação sistêmica capaz de integrar os vários momentos de constituição da grande árvore genealógica da cultura nacional. Foram, portanto, de bom rendimento o emprego dos conceitos de *escritura*, como traço de presença e ausência do logos, mutilação do fantasma paterno e território de interditos e o de *interpretação*, pertencentes ao quadro conceitual de Derrida e Foucault e relidos por Silviano para a revisão de textos da literatura brasileira inseridos na discussão do tema da dependência cultural.

Resta ainda assinalar que as leituras de natureza estruturalista feitas pelos teóricos da década de 1970 no Brasil – e cito, principalmente, Affonso Romano de Sant’Anna, Costa Lima, Silviano Santiago e Haroldo de Campos – provocaram a diferença de abordagem dos textos nacionais. Procedeu-se à releitura do modernismo brasileiro, da revisão da historiografia literária, da revolução na análise da linguagem da poesia e da narrativa, posição crítica que se desvinculava do pensamento uspiano, centrado na crítica sociológica e na criação da tradição nacionalista e fundacional de literatura e de cultura.

É inegável que o avanço dos estudos de literatura comparada é tributário das iniciativas de ordem institucional, como a criação de cursos de pós-graduação e da Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic), em 1988. À exceção da USP, os programas de pós-graduação nessa disciplina foram criados na década de 1980, descortinando o campo interdisciplinar de forma até então inexistente, além de promover reflexão mais aprofundada das teorias importadas e de sua efetiva recepção. Curiosamente, os estudos culturais nos Estados Unidos surgem nessa época, como atesta George Yúdice em conferência proferida em Salvador durante

¹¹ Idem, p. 37.

o “Encontro de Literatura Comparada da ANPOLL”, em 1997. O crítico assim se expressa: “Acredito que posso localizar com precisão o momento que surge esse tipo de reflexão teórica. Seria no final dos anos de 1970, e é detectável no primeiro número da revista *Social Text*. Essa revista nasceu da colaboração de duas figuras destacadas da esquerda acadêmica estadunidense: Fredric Jameson e Stanley Aronowitz. O primeiro tinha longa experiência com a teoria crítica, o marxismo francês e o pós-estruturalismo. O outro trabalhou dentro das filas dos movimentos sociais estadunidenses. (...) Com Jameson e Aronowitz e outros que já tinham assimilado o novo instrumental teórico, operou-se uma transformação epistemológica. Estética, mediação, ideologia, inconsciente e consumo constituíram uma sinergia crítica, como para os frankfurtianos, mas ainda com mais poder analítico, devido à introdução de novas perspectivas derivadas da categoria de gênero, provido pelo feminismo, e do suplemento, suprido pelo desconstrucionismo derridiano”.¹²

Foram esses teóricos do pós-estruturalismo os responsáveis pela mudança de foco na reconstrução revolucionária do pensamento crítico latino-americano. A divulgação da obra de Homi Bhabha, Spivak, Judith Butler, entre outros, “tradutores” da teoria pós-estruturalista francesa, serviu de referência para o aprimoramento de questões culturais e políticas debatidas no meio universitário e relacionadas aos diversos temas da atualidade: o feminismo, a dependência cultural, os conceitos de nação, nacionalismos e afins. Os estudos de tradução, vinculados à literatura comparada e à recepção desconstrutora dos modelos, receberam impulso graças às teorias de Walter Benjamin, via Derrida, destacando-se os ensaios *L’oreille de l’autre*, *textes et débats avec Jacques Derrida*, de 1982, publicado pela editora MacDonald, de Montréal; *Ottobiographies*, de 1988, entre vários outros.

O forte impacto exercido pela teoria desconstrutora de Derrida em trabalhos de pesquisa e em teses universitárias resultou na construção de vertentes críticas particulares, seja quanto aos estudos de textos memorialistas, autobiográficos e autoficcionalistas, seja pela ênfase na análise da escrita literária e nos jogos de linguagem. É forçoso assinalar o texto pioneiro de Wander Melo Miranda, *Corpos escritos*, no qual são desenvolvidos conceitos de Derrida sobre autobiografia e

¹² YÚDICE, George. Debates atuais em torno dos estudos culturais nos Estados Unidos. Texto impresso. Set. 1997, p. 4.

tradução, memória parricida, arquivo e escrita como traço e assinatura do sujeito. Essa posição crítica se encontrava em consonância com a obra analisada de Silviano, principalmente *Em liberdade*, ao ser comparada às *Memórias de cárcere*, de Graciliano Ramos.¹³

Nas décadas seguintes, com a retomada das pesquisas em arquivos, em crítica genética, crítica biográfica, memorialismo e autobiografia, seus textos foram cada vez mais sendo solicitados, não apenas no âmbito da literatura, mas ainda pela leitura psicanalítica, pelas artes plásticas, a arquitetura e pela própria filosofia, embora persista a recusa de muitos em conhecer e reconhecer sua obra como relevante. Com a crise instaurada pela globalização, a importância de Derrida foi sendo cada dia mais notada, por ter-se voltado, nos últimos escritos para a questão política, discutindo problemas filosóficos ligados à ética, à religião, à migração e à diáspora, assim como aos demais temas de interesse cultural. Representou a imagem de um intelectual que participou ativamente do debate político internacional, arregaçou as mangas e faleceu em plena atividade intelectual.

Os mais recentes leitores de Derrida no Brasil, representados muito bem por Evando Nascimento, pesquisador e tradutor de sua obra, levam adiante um trabalho digno de ser considerado pela crítica literária atual. Operando nas áreas de tradução, de divulgação de seu pensamento por meio de colóquios e publicações individuais e coletivas, formando grupos de pesquisa e orientando estudantes de pós-graduação, esse grupo promove a revitalização do legado teórico de Derrida, por inseri-lo no debate contemporâneo das idéias. Publicações estão sendo realizadas no decorrer dos últimos dez anos, privilegiando-se ora a sua atuação como militante político, ora como pesquisador de imagens que sempre foi. No âmbito da filosofia, um grupo de pesquisadores da PUC-Rio leva adiante a discussão de seu pensamento, uma forma de preservar seu legado e de redimensionar suas ideias.

Em relação à herança teórica de Derrida, deve-se afirmar que também os conceitos filosóficos de Deleuze e Foucault encontram-se se em perfeita consonância com as questões discutidas no momento, graças ao gesto de releitura

¹³ MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos*. Graciliano Ramos e Silviano Santiago. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.

e de reapropriação, por áreas distintas, de seus postulados. O aproveitamento da rede conceitual comum a esses autores, composta dos termos como rizoma, territorialidade, desterritorialidade, literatura menor, acontecimento, práticas discursivas, arqueologia, biopolítica, parricídio, desconstrução, diferença, dentre muitos outros, revela a necessidade de sua reelaboração e contextualização na contemporaneidade. A condição precária e móvel dos conceitos impede que a crítica os transforme em *mot de passe* e chave capaz de abrir todas as portas. O interesse atual pela obra de Derrida reflete ainda o desejo de se ter, pelo menos no espaço universitário, reflexão mais aprofundada e vertical da teoria, assim como o desejo de que a sua escrita receba, por parte dos leitores contemporâneos e dos que virão, a sobrevida necessária para sua atualização e vitalidade. Não é por acaso que se encontra, entre suas inúmeras reflexões, a noção mais do que difundida entre nós, qual seja a de sobrevivência, como o marco de sua presença espectral e fantasmática no meio intelectual do presente?

